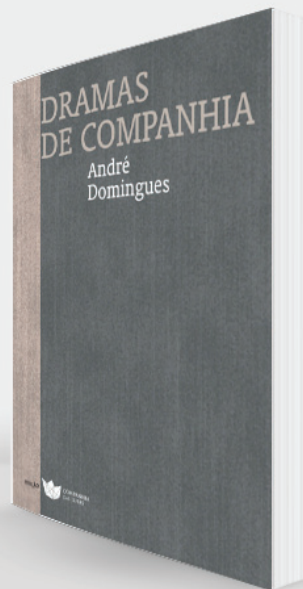


A Companhia das Ilhas apresenta

Dramas de companhia

André Domingues



Apresentação

As trágicas encenações da existência. Um homem que vive prisioneiro dentro da consciência de outro. A angústia e a sua inata falta de fotogenia. Santas meramente performativas. Reis sem realidade aparente. Ficções que se movem entre o conto curto, a prosa poética, o apontamento humorístico, o diálogo metaficcional e a revisitação paródica de temas eternos. Cada uma é terra de todos e de ninguém. Visite-as sobretudo como um turista. Mas, se for caso disso, escolha uma e deixe-se ficar lá a viver.

Excerto

NOTAS DE UM SUICIDA

Vivo no vigésimo nono andar da consciência. Sou 100% século XXI. O medo é minha dama holográfica de companhia. Nada, nem a mais mínima acção, tem um enredo linear. As artérias do conhecimento estão entupidas. A menina que passeia o seu cãozinho pelo parque

manipula conteúdo emocional de alta voltagem. Que posso eu? O meu nome não é sereno. Chamai-me o que vos aprouver. O gratificante final do dia dirige-se a grande velocidade contra mim.

O pior foi quando comecei a visualizar o tempo e a desmontar os dogmas da extinção. O coração era feito de lírica.

Ficha técnica

ISBN: 978-989-8828-05-7

Dimensões: 11×15cm

Nº páginas: 96

Ano: 2016

Nº Edição: 081

Colecção: azulcobalto 037

Género: Ficção

PVP: 12 €



COMPANHIA
DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3
9930-149 Lajes do Pico, Açores, Portugal

TM +351 912 553 059 / +351 917 391 275
TEL +351 292 672 748

www.companhiadasilhas.pt
companhiadasilhas.lda@gmail.com

André Domingues

Porto (1975)

Licenciado em Ciências da Comunicação e mestre em Literatura e Cultura Comparadas, pela FLUP. Formador nas áreas de Escrita Criativa e Língua Espanhola.

Faz tradução, revisão, locução, dobragem e texto publicitário.

Foi editado, pela primeira vez, num livro colectivo de contos, *Convidava esta gente para jantar?*, em 2005.

Obteve o primeiro prémio de poesia da AEFLUP, em 2009, com a obra *Eschaton ou a Extremidade do*

Mundo. Recebeu uma menção honrosa na quinta edição do prémio OFF FLIP de literatura, em 2010, com o poema “Dying Mannequin”!. Foi vencedor do prémio Novos Talentos Fnac de Literatura 2011, com o conto “Sine Die”.

Escreve contos, poesia, crónicas e outras formas breves. Colabora regularmente em diversas revistas de poesia e ficção portuguesas e espanholas. Cria textos para exposições nacionais e internacionais, individuais e colectivas, de pinturas desde 2007.



Leituras, notas críticas

André Domingues já marcou o mundo da literatura com as suas obras. Conquistou o primeiro prémio de poesia da AEFLUP, recebeu uma menção honrosa na FLIP de literatura e foi vencedor do prémio Novos Talentos Fnac de Literatura em 2011.

Aos dois trabalhos que marcam o seu percurso, *Extremidade do Mundo* e *Sine Die*, junta-se agora *Dramas de Companhia* (Companhia das Ilhas, 2016), uma prosa poética, marcante e profunda, sobre o sentido da vida.

«A casa está cheia de fantasmas. (...). O que talvez eles ainda não suspeitem é que eu os posso ver perfeitamente a passear a sua magnífica ausência (...) atravessando paredes, flutuando no vazio (...). Todos os dias entram pela minha porta dentro desconhecidos, acompanhados pelo responsável de uma imobiliária (...). Se desconsiderasse a sua falta de cortesia, diria que nunca se apercebem de mim.»

Dramas de Companhia é um conjunto de 59 textos curtos, divididos em 3 capítulos – Insuficiências Reais, Role-Playing e Vidas Breves -, que apresenta um conjunto de crónicas introspectivas

que fazem uma exposição de diferentes perspectivas sobre a dor psicológica.

O sentimento de melancolia e a falta de lugar no mundo são recorrentes ao longo de todas as crónicas, levando o leitor a experienciar o sofrimento de uma pessoa depressiva – algo que, nos tempos modernos, é cada vez mais recorrente, se não em primeira pessoa, certamente com um conhecido.

São histórias fortes, complexas e densas, que forçam o leitor a fazer uma comparação acerca daquilo que considera infelicidade com o sofrimento de alguém com tendências suicidas, que não encontra qualquer simbologia positiva em nada que o rodeia, levando a uma melhor percepção do inimaginável que ocorre na cabeça de um suicida: «É preciso pensar: abrir a janela. É preciso pensar: debruçar da janela. É preciso pensar: atirar-me da janela.»

Raquel Laranjeiro, em 14/07/2016, blogue Deus Me Livro:
<http://deusmelivro.com/mil-folhas/dramas-de-companhia-andre-domingues-14-7-2016/>





DRAMAS DE COMPANHIA

André Domingues

Companhia das Ilhas, 2016, 92 págs., €12
Ficção

Um homem acorda todos os dias numa cidade diferente daquela em que adormeceu, fenómeno inexplicável de migração involuntária que degenera, em página e meia, numa espiral geográfica que o leva das capitais do mundo a um atol da Micronésia, acabando com uma descida ao inferno em certa cratera do Turquemenistão. A estranheza, nas micronarrativas de André Domingues, nasce quase sempre de uma desconformidade: pessoas que vivem no século errado, ou no corpo errado, ou na história errada. Sucedem-se os equívocos, os simulacros, as imposturas, os pesadelos existenciais.

Estas são histórias assombradas pela ciência, pela tecnologia e por uma certa ideia — elevada — do que é a literatura. Não faltam exercícios borge-sianos e piscadelas de olho, explícitas, aos jogos metaliterários de Vila-Matas, abordagens que ganhariam com uma certa depuração da linguagem, uma maior subtilidade. Com raras exceções, o estilo de Domingues é pesado, quase solene, artificioso, descambando aqui e ali numa prosa poética irrespirável. Os contos de pendor fantástico e os que se inscrevem nas temáticas habituais da ficção científica são quase todos cansativos, incompreensíveis, banais ou simplesmente dispensáveis. Pelo contrário, as histórias que exploram a irrupção do absurdo no quotidiano conseguem ser muito eficazes (exemplos: 'Memento Mori', 'Hábitos de Leitura', 'Esperanza'). Num livro de prosas breves que por vezes parecem demasiado longas, os textos mais memoráveis são os que levam ao limite a arte da concisão. Como este, intitulado 'Palimpsesto': "Erguem-se civilizações em cima de civilizações. Onde antes havia pele intacta, agora há uma ferida. Onde antes havia uma ferida, há agora uma cicatriz."

/ JOSÉ MÁRIO SILVA

